



PARTILHAS METODOLÓGICAS CONTRACOLONIAIS E COPARTICIPATIVAS DE PESQUISAS EM SAÚDE COM POVOS TRADICIONAIS

Daniel Silva de Freitas¹
danielsilva.freitas@upe.br
Suely Emilia de Barros Santos¹
suely.emilia@upe.br
Giselle Oliveira Santos¹
giselleoliveiraps@gmail.com
Thalita Anaylane Bezerra de Albuquerque¹
thalita.anaylane@upe.br
Ingrid Jessiane Vieira Lima¹
ingrid.vieira@upe.br

¹ Universidade de Pernambuco - UPE

INTRODUÇÃO

A escrita desse trabalho parte das experiências e estudos compartilhados nos encontros do Laboratório de Ações Coletivas e Saúde (LACS/CNPq) e nas pesquisas científicas vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental (PRISMAL) e ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental (PPGSDS), sendo todos eles vinculados à Universidade de Pernambuco - campus Garanhuns.

Nas duas últimas décadas, as discussões em torno da produção científica eurocentrada têm crescido expressivamente, dispostas a pôr em evidência a existente ausência e a invisibilização dos diversos saberes e sabedorias nos escritos acadêmicos, bem como o território e a presença das pessoas que as produzem (povos tradicionais, pessoas sulamericanas, negras e mulheres). Essa é a lógica da mais expressiva engrenagem que compõe a necro-maquinaría colonial: a tríade da colonialidade do saber, do poder e do ser (Maldonado-Torres, 2019).

O movimento de transgressão e desobediência a essa lógica tem sido terreno fértil para o crescimento de algumas mobilizações, como a proposta do Encontro de Saberes (Albernaz; Carvalho, 2022), onde mestres e mestras são convidadas/os a ocupar a docência nas universidades, mesmo sem a convencional titularidade requerida. Nesse cenário, realiza-se um giro decolonial numa faceta acadêmica ainda comum: a presença de povos historicamente marginalizados nas pesquisas científicas como “objetos de estudo” e não como produtores de saberes e ciência.

Além disso, a escrita científica prioriza a utilização de pronomes na primeira pessoa do plural (nós). Esse modo realça a impessoalidade na produção científica, que aliada à invisibilização e a presença pela via da objetificação, promove mais a individualização que a pluridiversidade epistêmica. “Nós”, quem? Quem são as pessoas consideradas no “nós” da linguagem científica?

É nessa direção que a Artesania Literária (Santos; Santos, 2024; Bezerra; Santos; Santos, 2024), cujo nascedouro foram as experiências e estudos no LACS, no PRISMAL e no PPGSDS, propõe uma torção paradigmática e surge como um caminho contra-colonial na produção de conhecimento científico. Além dessa, outras metodologias têm sido priorizadas na realização e escrita de pesquisas científicas. Diante disso, neste trabalho objetivamos refletir sobre o uso de metodologias contra-coloniais e coparticipativas de pesquisa em Saúde com povos tradicionais, nos diferentes territórios.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho trata-se de uma junção de estudos qualitativos que utilizaram como modalidades de investigação, a cartografia clínica e o diário de bordo para construção de pesquisas iluminadas pelo olhar da fenomenologia decolonial.

A cartografia clínica permite um universo de possibilidades imersivas em território, sendo ela um método de pesquisa que não permite pensamentos pré-definidos sobre os caminhos que percorremos.



Na cartografia, as vozes dos compartilhantes da pesquisa são o ponto chave para o encaminhar da investigação, sobre aquilo que se revela no território, sendo ele o nosso guia, a nossa bússola (Braga; Mosqueira; Morato, 2012).

Os diários de bordo são os registros que acontecem em cada vivência em território. É uma escrita dos nossos passos percorridos que permite narrar as interações e experiências com o território, oferecendo uma história não apenas dos contextos observados, mas das afetações, dos vínculos que são vividos enquanto se está a pesquisar. Os relatos de experiência documentam as práticas e saberes tradicionais, trazendo uma perspectiva sobre as dinâmicas de poder e resistência nos territórios estudados (Aun; Morato, 2009).

Sendo assim, o diário de bordo é um aliado na cartografia clínica no que se diz respeito aos registros daquilo que acontece no território, é o desvelar de situações que podem ou não mudar de acordo com a caminhada. Esses registros são fundamentais para a reflexão sobre o uso de metodologias contra-coloniais e coparticipativas em pesquisas em saúde com povos tradicionais.

Por meio dessa abordagem metodológica, buscamos valorizar a voz dos povos envolvidos, reconhecendo-os como co autores na construção do conhecimento e promovendo uma perspectiva que desafia a lógica colonial predominante na ciência. Esta abordagem reflete o compromisso com uma epistemologia que respeita e integra os saberes dos povos historicamente marginalizados, contribuindo para a construção de uma ciência mais plural e participativa.

Ainda no que tange às metodologias contracoloniais, a Educação Popular - pedagogia freireana - tem se feito presente enquanto recurso e atitude assumida nos estudos traçados. O que oferece às pesquisas um processo de construção social e coletiva à medida que, dialoga os saberes e horizontaliza-os ao reconhecer o potencial emancipatório do conhecimento popular e a sua importância para a construção de práticas contextualizadas.

A crítica da Educação Popular lança mão de uma perspectiva emancipatória da sociedade ao revelar e contrapor os processos de construção do conhecimento. Ao aproximarmos dos estudos decoloniais e contracoloniais, emergem propostas epistêmicas que subvertem o modelo civilizatório eurocêntrico ao questionar, construir e reconstruir epistemes próprias (Rego, 2021).

A proposição de pesquisas dialógicas tracejam um projeto epistêmico coletivo a partir de uma reflexão-ação, logo se revela na *práxis*, que para Freire (1987) é contrária a alienação posto sua dimensão compreensiva e relacional com as realidades, o que permite a construção de uma ação transformadora. Desse modo, as pesquisas propostas pelo LACS assumem um compromisso ético e político com a transformação das estruturas coloniais que perpassam a construção de conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando pensado em métodos de pesquisa contra-coloniais, por muitas vezes vislumbrava-se uma ideia de uma fala que não partia daqueles que são os legítimos contadores da história, ou seja, os que vivem a colonização de seus saberes e suas tradições. Nesse pensamento, refletimos que a fala do que está sendo visto como subalternizado não aparecia em diversas pesquisas acadêmicas, pois essa “contação de história” não colocava as suas vozes como coparticipante da pesquisa, onde o “nós” era por muitas vezes a fala daquele que pesquisa academicamente sem mostrar quem está do outro lado.

Naquilo que chamamos de andanças em território, entendemos que o estudo decolonial só começa a partir do momento em que o espaço dos povos tomados como subalternos/colonizados e as suas vozes não se tornam coadjuvantes da pesquisa e ganham um contorno principal. Afinal, como é possível falar de um modo de viver que muitas vezes não vivenciamos? Que nós é esse que utilizamos sem que a partilha do outro seja inviabilizada?

Nos diários de bordo nos dedicamos a escutar, olhar, deixar-se ser afetada por tudo aquilo que constitui o território vivo. É a correnteza do rio, o brotar de uma árvore, um sorriso no rosto, a tristeza no falar, a cultura, a música etc.

Se dedicar à escuta dessas afetações permite refletir, sobretudo, o modo que nos relacionamos com os territórios e comunitários compartilhantes das pesquisas. É assumir os atravessamentos vividos ao superar a compreensão de uma neutralidade científica, posto que essa aproximação permite a



construção de um conhecimento em interface a territorialidade, promovendo a emancipação frente ao discurso hegemônico, opressor e colonialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os percursos metodológicos trilhados pelas pesquisadoras do LACS provocam na academia a crítica epistemológica à estrutura de poder colonial que se consolidou nos discursos acadêmicos. Os estudos em questão refletem a base epistemológica instituída e constroem epistemes outras ao superar a invisibilização histórica dos povos marginalizados.

Como nos ensina Rego (2021), essa transgressão epistêmica contra-coloniza teorias e metodologias e, desvela um processo contínuo de resistência dos conhecimentos dissidentes para a construção de um “[...] pensamento crítico de fronteira” (Anzaldúa; Moraga, 1981).

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Saúde. Povos tradicionais. Pensamento decolonial. Território.

Referências

- ALBERNAZ, P. de C.; CARVALHO, J. J. de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriépistêmica. **Horizontes Antropológicos**, v. 28, n. 63, p. 333-358, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/F9NpLCqhy5tzj5GwcHFY86h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2024.
- AUN, H. A.; MORATO, H. T. P. Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T. B.; NUNES, A. P. (orgs.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. p. 121-138.
- BEZERRA, M. da C. F. M. ; SANTOS, S. E. de B.; SANTOS, G. O.. Extension research in the promotion of mental health: a balancing act for navigating literary craftsmanship: Pesquisa extensionista na promoção em saúde mental: um balanceiro para transitar por uma artesanaria literária. **Concilium**, [S. l.], v. 24, n. 17, p. 50–69, 2024. Disponível em: <https://clium.org/index.php/edicoes/article/view/3998>. Acesso em: 1 set. 2024.
- BRAGA, T. B. M.; MOSQUEIRA, S. M.; MORATO, H. T. P. Cartografia clínica em plantão psicológico: Investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 2, p. 555-570, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>. Acesso em: 2 set. 2024
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27–53.
- REGO, N. R. P. *Educação popular e decolonialidade: pedagogias de resistência em Abya Yala*. Ponto Grossa, PR: Monstro dos Mares, 2021.
- SANTOS, G. O.; SANTOS, S. E. de B. “Os ventos do norte não movem moinhos”: caminhos metodológicos para uma psicologia sertão-centrada. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1141–1165, 2024. Disponível em: <https://ojs.europublications.com/ojs/index.php/ced/article/view/3058>. Acesso em: 1 set. 2024.